



AFUNILAMENTO SUBJETIVO NA POÉTICA DE GLAUCO MATTOSO



SUBJECTIVE FUNNELING ON GLAUCO MATTOSO'S POETICS

MARCOS DANTAS FERREIRA FILHO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 04/07/2021 • APROVADO EM 10-09/2021

Abstract

Critics and academics were successful in noticing the multiplicity of possibilities for approaching Glauco Mattoso's work. His production is permeated by the psychoanalysis, the eroticism, the politics and so much more, but always supported by a marked, pulsating and restless subjectivity. The present article aims to analyze how this subjectivity is builded and by which mechanisms it shows itself. We resort to contemporary poetry thinkers to reflect on the construction of the mattosian poetic persona, which, we believe, offers an lyric experience of non-identification, from the construction of a subjectivity built from restriction and distancing from the reader's universe.

Resumo

Críticos e acadêmicos tiveram sucesso em perceber a multiplicidade de possibilidades de entrada na obra de Glauco Mattoso. Atravessam sua produção a psicanálise, o erotismo, a política e muito além, mas sempre a partir de uma subjetividade marcada, pulsante e inquieta. O presente artigo pretende analisar de que forma é construída essa subjetividade e a partir de que mecanismos ela se apresenta. Recorremos a pensadores da poesia contemporânea para refletirmos sobre a construção do eu lírico mattosiano, que, acreditamos, oferece uma experiência poética de não identificação, a partir de uma construção subjetiva pautada na restrição e no distanciamento do universo do leitor.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Glauco Mattoso. Poetics. Eroticism. Subjectivity.**PALAVRAS-CHAVE:** Glauco Mattoso. Poética. Erotismo. Subjetividade.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Parte de uma geração cuja sistematização em categorias operacionais esbarra em entreveros não antes enfrentados na história da literatura brasileira, Glauco Mattoso é dono de uma poética singular. Cego (vítima de um severo glaucoma, daí o pseudônimo, que joga com "glaucomatoso"), podólatra, homossexual e de práticas sexuais nada ortodoxas, o poeta é, em si, uma figura extremamente peculiar. Tais características, porém, não são fatos alheios à sua poética. Pelo contrário, são parte fundamental de sua produção.

Tal geração, autointitulada, com grande sucesso, "marginal" (termo que demonstra bastante resiliência na poesia brasileira), gerou impasses diversos em relação à crítica contemporânea a si. Seja pela abordagem cotidiana de temas espinhosos, seja pela diversidade poética de todos os indivíduos nela inseridos, a produção desse período desafiou moral e formalmente a intelectualidade, nem sempre capaz de compreender e, menos ainda, de categorizar os seus artistas.

O próprio Glauco Mattoso, em seu **O que é poesia marginal** (1981) concebe a poesia desse período como uma coincidência de múltiplas e diferenciadas tendências que em alguma medida dialogam entre si justamente pelo seu caráter espontâneo e não programático. Essa poesia marginal, porém, por mais subversiva que fosse, teve uma manifestação bem diversa do vanguardismo de 20, por exemplo, "sem manifestos, sem certezas inaugurais de ruptura" (PEDROSA, 2008, p. 45). É nesse contexto que está esta produção sobremaneira peculiar de Glauco Mattoso, na qual as idiossincrasias do poeta são temáticas recorrentes e cuja observação é central na presente análise.

Serão utilizados aqui, não por acaso, poemas dos dois livros lançados depois do silêncio de dez anos do autor. São eles **Centopéia: sonetos nojentos e quejandos** e **Paulisséia ilhada: sonetos tópicos**, ambos de 1999. O silêncio se deu em decorrência do referido glaucoma que viria levá-lo à cegueira total. Ambos os livros, especialmente o primeiro, são verdadeiros gritos de revolta em relação à sua condição. Aparece, nestes, um tanto menos a coprofagia, importante tópico de sua produção anterior a 1989, e é elevada à categoria de "célula temática" (MATTOSO, 1999a, p. 5) a podolatria, grande fio condutor de **Centopéia**.

2. A CONSTRUÇÃO DO EU

A partir da leitura do seguinte poema, exemplar quanto à construção da subjetividade do eu lírico mattosiano, poderemos começar a refletir sobre sua poética:

A deusa tem o pé formoso e claro.
Seu súdito usa bota cara e fina.
O faxineiro dele usa botina.
Sou servo deste último, e declaro:

Conheço suas meias pelo fato.
Seu pau tresanda a sebo, porra e urina.
O cu fede o normal, você imagina.
É um cara sem nenhum aroma raro.

Abaixo do nariz vem minha boca,
e acima do meu rosto está seu pé.
Respeito sua preguiça dorminhoca:

Limito-me a cheirar o seu chulé,
enquanto minha boca fica oca...
Sou cego, e meu lugar já sei qual é. (MATTOSO, 1999a, p. 2.97)

Nesse poema estão as principais temáticas pessoais da poesia de Glauco Mattoso: a homossexualidade, a podolatria, o sadomasoquismo, o fetiche pelo sujo, a cegueira e, junta a esta, a posição de vítima. Esta é, em tudo, a poesia de um eu lírico restrito. Não diz respeito, em momento algum, a uma experiência corpórea universal, que apontaria para uma experiência humana partilhada pela totalidade dos homens – ou ao menos por uma grande parte destes. Aponta único e somente para a experiência individual deste indivíduo poético de características tão *sui generis*. Trata-se de uma poética cuja construção subjetiva é em tudo afunilada.

A experiência do leitor em Glauco Mattoso, nesse sentido, é a do contato com um eu poético de subjetividade radicalmente particularizada e com o qual a identificação completa torna-se quase impossível. Mesmo as identificações possíveis, se consideradas em particular, são de parcelas relativamente pequenas da população: homossexuais, cegos, podólatras, sadomasoquistas... Se consideradas todas essas características em conjunto, talvez o único indivíduo representativo dessa parcela da população seja o próprio Glauco Mattoso. Sendo assim, como e quando é possível e produtiva uma poética dessa natureza?

Afirma Célia Pedrosa sobre o momento estético na qual está inserida a produção mattosiana:

Se a evidência e a produtividade literárias passam a solicitar, a partir de meados do século XX, de modo incontornável, as categorias da pluralidade e da mediania, isso se vincula à fragilização de tradicionais cronotopos identitários modernos como o nacional e o universal e de seu principal motor histórico, a

idéia progressista e/ou revolucionária de inovação. (PEDROSA, 2008, p. 41)

Este é o panorama da produção poética do autor de **Centopéia**. Glauco Mattoso é a materialização da possibilidade dessa pluralidade, corporificada em uma subjetividade poética extremamente restrita. No mesmo sentido, o poeta ignora totalmente, como é da natureza de seu tempo, os conceitos de universal e nacional, tendo uma poética amparada no particular e idiossincrático. A própria ideia de inovação em nada interessa ao poeta. Mattoso de modo algum dilui ou repete Gregório de Matos ou Bocage, suas principais referências artísticas, mas também não os subverte. No máximo, os renova, confere uma nova vestimenta. Isto situa o poeta numa linha da contemporaneidade em que predomina a percepção de que tudo já foi feito, em que não há mais ímpeto artístico de produção de novas formas artísticas ou demolição do já produzido: o fim dos “grandes gestos inaugurais”, como chamou Leminski (PEDROSA, 2008, p. 44). Momento em que a produção artística é meio de expressão do artista, parte de seu projeto pessoal, e não mais social, interessando assim mais renovar do que inovar.

Mais: a própria renovação tem, em Mattoso, uma conotação de particularidade, ao contrário do que viria a ser uma pretendida inovação. O poeta renova ao articular o seu repertório, seu cânone pessoal, apresentando-o à sua maneira, submetido à sua subjetividade. O gesto de inovação tenderia a uma contribuição ao grupo, trazendo à tona uma nova forma de proceder a ser compartilhada pela coletividade. O gesto mattosiano, porém, de pura *renovação* de um cânone pessoal, só diz respeito a si mesmo. Sua predileção pelo soneto, uma forma fixa, é extremamente simbólica quanto a isso, demonstrando seu respeito pela tradição. Não o interessa o rompimento, mas a subversão.

Mattoso é partícipe dessa contemporaneidade literária plural e, em grande medida, pulverizada. A sua poética em extremo particularizada é não só sintomática, mas também apenas possível nesse momento em que, não havendo uma pedagogia hegemônica (PEDROSA, 2008, p. 41), do ponto de vista artístico, não há também a necessidade da partilha de valores em comum. O poeta é o resultado quase que simbólico de um período não-programático.

3. EROTISMO E SUBJETIVIDADE

Ponto de grande importância na geração marginal e fundamental em Glauco Mattoso é a relação entre poesia e erotismo/sexualidade. Não sendo mais encarado como “totem ou tabu”, nas palavras do próprio poeta, o erotismo passa a ter, na poesia marginal, um “tom desmistificador e libertário, invocando questões ligadas à política do corpo e à luta contra a discriminação do homossexual” (MATTOSO, 1981, p. 61).

A quebra do tabu acerca do erotismo é fundamental para Mattoso, tanto sob a ótica social – a necessidade de trazer à tona o tema de forma aberta, de modo a desestigmatizar e romper com a discriminação – quanto sob a ótica pessoal, dado

que o poeta sabe que o erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem (BATAILLE, 1987, p. 20).

De acordo com Bataille (1987, p. 20), o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. E é a partir dessa consciência e abertura ao erótico que Glauco Mattoso se subjetiva e se particulariza. Seu fetiche é seu traço distintivo e humanizador. Ainda que exótica, portanto, a experiência sexual em Mattoso não é, de maneira nenhuma, animalesca. O pensador francês afirma, ainda, que “a atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal” (BATAILLE, 1987, p. 20). Nesse sentido, a experiência podólatra, em Mattoso, é em tudo humana, é a expressão da “interioridade do desejo” a que se referia Bataille, “aquilo que põe nele o ser em questão”. O erotismo, assim, é a expressão da subjetividade, a atribuição de complexidade ao desejo, a entrada do simbólico neste que é um impulso tão carnal. O fetiche, portanto, é humano e nunca animalesco: é a materialização, no campo do desejo, de traços subjetivos. Os seguintes poemas são exemplares e elucidativos quanto a esse ponto.

Esportes radicais têm toda a graça,
embora haja quem fácil não aceite.
No surf a onda é apenas um enfeite
pra dança do surfista que a perpassa.

Olhar a molecada numa praça
é pra todo voyeur grande deleite:
Balé mais coreográfico que o skate
na mente dum podólatra nem passa.

Falo por mim, que cego estou mas penso
no pé descalço e chato do surfista
e o tênis do skatista, aquele incenso!

Lamber o pé do jovem é conquista
além do meu desejo mais pretensão.
Bastava-me ser dele o massagista... (MATTOSO, 1999a, p. 2.56)

O trote é tradição na academia,
mas já foi mais cruel na Idade Média.
A vida de calouro era tragédia
do "escravo", enquanto o "dono" o usava e ria.

Sofri na própria carne essa agonia,
porém contrariei a enciclopédia
no dia em que tramei uma comédia
fingindo entrar naquela engenharia.

Calouro disfarçado, fui tratado
que nem um bicho, a chute, "Xô!" e chicote,
lambendo o veterano pé suado.

É claro que não fiz nenhum fricote!
Assim é que eu queria ser usado!
Fui eu quem lhes passou o maior trote! (MATTOSO, 1999a, p. 2.52)

Se o primeiro poema é a materialização do fetiche, o segundo é a sua justificativa, que se dá por meio da memória e da atribuição de significado a esta. A lembrança afetiva atrelada a um momento sexualizado da juventude justifica diretamente o fetiche enquanto experiência humana do poeta. É o resultado da confabulação complexa em relação à memória.

Quanto a essa relação entre impulso do corpo e poema, afirma Patrícia Aparecida Antonio (2011, p. 108): “a poesia lírica liga-se tão intimamente à individualidade do poeta que o poema surge quase que como um prolongamento seu” – o que diz respeito sobremaneira à representação de si mesmo na poética de Glauco Mattoso – e que “o corpo contemporâneo traz em si qualquer coisa de urgente, cujas necessidades precisam ser satisfeitas a todo custo.” (ANTONIO, 2011, p. 109).

Em Glauco Mattoso é afluída essa afunilada subjetividade aqui tratada, porém dentro dos jogos de fetiche e poder. Há essa urgência do corpo, trazida por Patrícia Aparecida, relativa ao poeta (materializada em seu impulso sexual), mas há também a urgência do corpo do outro, mais do que o simples desejo. Glauco precisa do pé do outro em si para se efetivar podólatra. Há a necessidade do corpo do outro para que a concretude de sua subjetividade se efetive.

Num gesto que em grande medida dialoga com o trato poético do amor romântico, em que importa ao poeta mais desejar o objeto amado do que necessariamente tê-lo, a Glauco Mattoso interessa justamente o devir do desejo fetichista – pouco importa se efetivado. E num movimento de interessante inversão, se é, de modo geral, na poesia contemporânea, pelo corpo, que o eu lírico mostra quem é e se mostra ao outro (CAMARGO, 2008, p. 111), é justamente pelo corpo do *outro* que Glauco Mattoso mostra a si. É atribuindo valor e significado ao corpo desejado que o autor delinea a sua própria subjetividade poética.

Ademais, se é pela via da alteridade corporal que se mostra o poeta, essa percepção se dá por meio, inevitavelmente, dos sentidos. Fato interessante é que, no entanto, falta a Mattoso um deles: a visão. Citando Martin Jay, Florencia Garramuño fala sobre o possível declínio da visão na cultura ocidental contemporânea, que teria sido suplantada pelo domínio de outros sentidos, entre eles, notadamente, o tato (GARRAMUÑO, 2008, p. 83). Garramuño acredita ser o tato a figura de uma sentimentalidade intensa – uma nova representação que causaria outro efeito. Isto, em tudo, ilustra o método mattosiano. O tato, porém, não é uma opção do poeta, é o que lhe resta, o que marca a extrema vulnerabilidade da obra e do sujeito em relação ao mundo (GARRAMUÑO, 2008, p. 84).

A experiência do contato com o pé do outro é para Mattoso o próprio choque com o outro. Interessa o pé de quem quer que seja, desde que seu dono desperte algum sentimento no poeta, seja ódio, atração sexual, discordância ou qualquer outra relação que não a indiferença. Durante o percurso de **Centopéia**, Glauco Mattoso fetichiza os pés de policiais, pobres, membros da elite, negros, nordestinos, padres, *skinheads* e diversos outros arquétipos sociais. A constância do arremate do

poema com o fetiche do pé é o roçar do poeta no outro, é a materialização de sua alteridade.

Nunca abrindo mão do "verso de ouro", convenção clássica da forma do soneto, e usando-o, diversas vezes, justamente para marcar sua posição de podólatra, o poeta sinaliza, por meio da forma, sua reverência à tradição, traço importante de sua construção poética, como dito anteriormente. Sobre essa persistência da leitura da tradição na poesia contemporânea, afirma Goiandira Camargo:

A experiência da leitura [da tradição] como componente do processo de criação parece, a princípio, ser – no contexto da poesia lírica contemporânea – um desdobramento e uma agudização de uma linhagem de poesia autotélica, cuja figuralidade encontra referente na própria linguagem. (CAMARGO, 2008, p. 100)

A finalidade autotélica, sem dúvidas, se faz presente na produção em questão, menos do ponto de vista formal do que moral, dado que não interessa ao poeta trazer uma lição ou mesmo um juízo de valor sobre o que quer que seja que diga respeito ao leitor. Ao contrário, porém, do que afirma Goiandira Camargo sobre a experiência da leitura da tradição, Mattoso não a utiliza para potencializar a forja de um real exclusivo do poético (CAMARGO, 2008, p. 100), assim se desarticulando da realidade do leitor. Ele o faz justamente para potencializar o distanciamento em relação a este a partir do uso de sua própria experiência pessoal, situada na mesma realidade empírica de quem lê, mas totalmente distante quanto à experiência material. A leitura da tradição, assim, potencializa o efeito estético resultante da construção de uma subjetividade em nada compartilhada. Sob esta ótica, a tradição está urdida, em Glauco Mattoso, a serviço de seu esforço em reforçar a sua não universalidade poética.

Em Glauco Mattoso não há o problema apontado por Paulo Henriques Britto, segundo Camargo (2008, p. 101), de uma substituição da memória do vivido pela memória do lido. A memória do vivido é central na poética do autor de **Centopéia**, nunca se tornando o texto mattosiano “uma encruzilhada de outros textos, perdendo nesse emaranhado a experiência de vida” (CAMARGO, 2008, p. 101). Conclui Britto que nisso residiria o ponto de identificação entre poeta, poema e leitor, o que, em absoluto, não acontece em Glauco Mattoso. Pelo contrário: a rede de leituras do poeta potencializa a relação com a experiência de vida, mas essa experiência em tudo afasta o leitor de uma identificação. A rede de leituras relacionadas à vida do poeta, portanto, serve ao mesmo distanciamento final em relação ao leitor, mas por vias absolutamente diferentes da poesia por Britto denominada de “pós-lírica”.

Citando Roland Barthes, Goiandira Camargo (2008, p. 106) afirma que “aquilo que a leitura proporciona pode levar o leitor a ler levantando a cabeça”, numa visada do olhar que sai do livro, retorna para o mundo e se mistura no frescor da memória àquilo que o recentemente lido oferece. Esse levantar da cabeça não é típico da leitura de Glauco Mattoso, mas sim o olhar preso. Por não haver redes de conexões viáveis entre a experiência de vida do poeta e do leitor, não há o momento de digestão por meio do entrelaçamento de suas memórias com a do eu lírico. Há,

sim, o voyeurismo intenso, a curiosidade e a sede pelo próximo exotismo, num movimento que levaria o leitor a abandonar a leitura no máximo para digerir aquela mistura de ressentimentos, fezes e pés fedorentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que não se conclua, porém, que não há possibilidade de diálogo por parte do leitor em relação a Glauco Mattoso. O leitor inquieto com a sociedade que o cerca concordará com as opiniões de Glauco em relação ao poder, às instâncias políticas, aos costumes etc (e o poeta tem não poucos poemas com esse teor), o que poderá gerar certa identificação – e as opiniões, sem dúvida, fazem parte da construção da subjetividade de um eu lírico. Mas no que diz respeito à construção da identificação, da articulação entre vivências do poeta e vivências do leitor, esse processo praticamente inexistente. Seria preciso metaforizar em altíssimo grau a cegueira do glaucomatoso para que fosse possível, por exemplo, estabelecer relações entre esta e as adversidades e limitações da vida de quem lê. Ou então, com igual abertura interpretativa, ler a podolatria de Glauco Mattoso como uma metáfora para as excentricidades e peculiaridades (sexuais ou não) que temos todos.

A poética de Glauco Mattoso, porém, não parece permitir isso. Seus textos não são construídos com a tônica da alegoria, do texto aberto à subjetividade do leitor. O texto mattosiano é pautado na realidade, no palpável, no físico, no absoluto real empírico. Mas não no real empírico objetivo e compartilhado pela totalidade ou mesmo por um grupo de pessoas (humanos ou brasileiros, por exemplo), e sim no real empírico de Pedro José Ferreira da Silva. A cegueira do poeta nunca é tratada de forma alegórica, é sempre uma experiência concreta e pessoal. A cegueira que interessa a Mattoso é a que foi fruto de seu glaucoma e que lhe causa dores e angústias. O poema mattosiano não é um texto que estende a mão ao leitor e diz “venha comigo nesta caminhada”, mas sim um texto que aponta para uma direção e avisa “é este o caminho que vou trilhar, siga-me se quiser”.

A poética de Glauco Mattoso é resultado de uma construção lírica de imenso afunilamento individual, de estreitamento subjetivo, na qual o leitor se vê surpreendido pela posição de perverso colocada em si. Que Mattoso tenha seus prazeres exóticos, isso não é novidade, mas que o leitor perceba-se sentindo prazer estético ao observar um cego em meio a excrementos, fetiches podólatras e angústias corpóreas, aí grande novidade. E o poeta tem consciência disso, como revela na seguinte estrofe, na qual se refere à sua cegueira:

Já cego, concluí que não compensa
sanar na poesia o tom queixoso,
pois meu leitor comum acha gostoso
me ver sofrendo a dor que ele dispensa. (MATTOSO, 1999b, p. 2.180)

Não há em Mattoso a experiência baudelairiana de um eu lírico que narra as podridões do mundo, perceptíveis aos olhos de todos. Mas sim um eu lírico que fala de *suas* podridões e da experiência de conviver com elas, de senti-las. A quem diria respeito essa experiência poética se não só a Glauco Mattoso? Como haver identificação e troca (conceitos basilares da experiência poética clássica) com uma lírica que narra a podolatria e o sadomasoquismo de um homossexual cego? A experiência é de tal maneira afinada e restrita que a transformação por meio da experiência poética a partir da identificação é quase impossível para o indivíduo comum.

E esse é o ponto: Glauco Mattoso não é leitura para quem busca um espelho ou um meio de aprendizado e elevação moral. Na poética mattosiana não há, por exemplo, a sabedoria e antevisão de um Tirésias. Mattoso não é o cego que vê mais após a perda da capacidade visual, figura tão cara à literatura. O poeta é um grande indignado com sua condição e com o mundo que o cerca – incaptável pelos seus olhos e ainda mais intragável por esta razão. Seus poemas muitas vezes são gritos de fúria e ressentimento. Mattoso interessa a todo aquele que tem curiosidade pelo outro, pelo inusual, pelo exótico, mas também pelo satírico, pelo inconforme, pelo indômito.

O contato com Glauco Mattoso é uma experiência poética que tende ao voyeurismo. Uma experiência que gera, no leitor, a sensação do fetiche, de observar e sentir prazer observando a manifestação da subjetividade de um eu lírico que, em tudo, não o é.

Referências

ANTONIO, Patrícia Aparecida. Na pele da palavra: configurações do corpo na lírica contemporânea. In: OLIVEIRA, Alexandre et alii. **Deslocamentos críticos**. São Paulo: Babel, 2011. p. 95-113

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Subjetividade e experiência de leitura na poesia lírica brasileira contemporânea. In: PEDROSA, C.; ALVES, I. (Org.). **Subjetividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 56-67

GARRAMUÑO, Florencia. O império dos sentidos: poesia, cultura e heteronomia. In: PEDROSA, Célia; ALVES, Ida (Org.). **Subjetividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 82-91

MATTOSO, Glauco. **O que é Poesia Marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MATTOSO, Glauco. **Centopéia: sonetos nojentos & quejandos**. São Paulo: Edições Ciência do Acidente, 1999a.

MATTOSO, Glauco. **Paulisséiailhada**: sonetos tópicos. São Paulo: Edições Ciência do Acidente, 1999b.

PEDROSA, Célia. Poesia contemporânea: crise, mediania e transitividade (Uma poética do comum). In: PEDROSA, Célia; ALVES, Ida. (Orgs.). **Subjetividades em devir**: Estudos de poesia moderna e contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 41-50

Para citar este artigo

FERREIRA FILHO, M. D. Afunilamento subjetivo na poética de Glauco Mattoso. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 217-226.

O autor

MARCOS DANTAS FERREIRA FILHO é mestrando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco.